

Autobiografias Étnico-Comunitárias: o Audiovisual como Articulador de Sentidos de Identidade e Interculturalidade¹²

Lucas RIBEIRO³

Mônica KASEKER⁴

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

Resumo

O artigo reflete sobre como a construção de uma narrativa audiovisual pode fortalecer os sentidos de identidade e funcionar como articuladora de relações interculturais. Parte-se da experiência de produção audiovisual de autobiografias étnico-comunitárias de estudantes indígenas ingressantes na Universidade Estadual de Londrina (PR). A produção foi realizada por meio de oficinas colaborativas e rodas de conversa inspiradas nas ideias de Paulo Freire (1985) e na experiência do projeto Vídeo nas Aldeias (ARAÚJO, 2015). Os conceitos de identidade (HALL, 2006; CANCLINI, 2015; EAGLETON, 2005) e de autorrepresentação (CANEVACCI, 2015) surgem como dispositivos de compreensão dos discursos elaborados pelos estudantes sobre suas trajetórias. A metodologia é de caráter qualitativo no âmbito da pesquisa-ação, com observação participante e realização de entrevistas semiestruturadas (MINAYO, 2000).

Palavras-chave: Audiovisual; construção de sentido; identidade; interculturalidade.

1. Introdução

No que diz respeito às políticas de ações afirmativas para o ingresso dos povos indígenas nas instituições públicas de ensino superior, o Paraná foi o primeiro Estado brasileiro a adotar tais medidas. Em 2001, a partir da Lei Estadual nº 13.134, ficaram asseguradas três vagas suplementares em cada universidade estadual do Paraná exclusivas para candidatos indígenas residentes no território do Estado. No mesmo ano, a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná (Seti) organizou o Vestibular Específico Interinstitucional dos Povos Indígenas, comumente conhecido como Vestibular dos Povos Indígenas do Paraná (AMARAL; SILVEIRA, 2016).

O passar dos anos serviu para o amadurecimento da proposta de ingresso dos povos indígenas nas universidades do Estado. No final do ano de 2004, foi instituída a Comissão Universidade para os Índios (Cuia) Estadual e, posteriormente, cada universidade passou a ter uma Cuia local, no intuito de intensificar o acompanhamento

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Autorizamos a avaliação e possível seleção deste artigo para o livro a ser publicado pelo GP.

³ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. Bolsista Capes. Email: lucasrib.7@gmail.com

⁴ Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. Email: mkaseker@gmail.com

pedagógico dos estudantes indígenas, além de viabilizar o diálogo efetivo e a integração junto à comunidade acadêmica (AMARAL; SILVEIRA, 2016).

No caso da Universidade Estadual de Londrina (UEL), após a implementação das Cuias locais, os próprios estudantes indígenas reivindicaram uma assistência mais efetiva. A taxa de evasão ainda era grande: de 2002 a 2014, dos 72 estudantes que ingressaram na UEL (pelo Vestibular dos Povos Indígenas do Paraná e por transferência externa), 32 evadiram (44%), e até fevereiro de 2015 apenas nove concluíram o curso. Levando em consideração tais número, a Cuaia-UEL decidiu, em 2013, por meio da Resolução CEPE/CA nº 133, instituir, para o ano de 2014, o Ciclo Intercultural de Iniciação Acadêmica, no intuito de ambientar os estudantes em seu primeiro ano no meio acadêmico, antes de optarem pelo curso de graduação, tendo em vista que a trajetória escolar dos estudantes indígenas era muito diferente dos demais alunos da universidade (GUERRA; AMARAL; OTA, 2016).

O Ciclo Intercultural, então, tem o objetivo de amadurecer a vivência dos estudantes ao curso pretendido, além de abordar temas que relacionem a realidade indígena em suas comunidades e a universidade. Além do eixo temático Terra e Identidade, no qual se concentra o objeto de estudo deste artigo, o Ciclo Intercultural conta ainda com outros três eixos temáticos (Ciência e Saúde; Cidadania e Sustentabilidade: Cidade e Políticas Públicas; e Cotidiano Acadêmico), e aulas dos campos da Ciência da Natureza, Matemática e Ciência da Linguagem, durante um ano letivo.

No que cerne ao eixo temático Terra e Identidade, a proposta é trabalhar o pertencimento, a identidade e os valores culturais que esses estudantes trazem de suas vivências em comunidade. Nesse sentido, o Ciclo Intercultural realiza uma atividade em que os estudantes contam suas histórias, considerando a ancestralidade indígena. A atividade denominada *Autobiografias Étnico-Comunitárias*, antes realizada por meio de apresentação de seminário oral, em 2018, passou a ser produzida em vídeo. A experiência-piloto de produção das autobiografias neste formato contou com o auxílio de professores e alunos de jornalismo e design da UEL. Assim, os alunos de jornalismo ficaram responsáveis por acompanhar o processo de produção e editar o material junto aos estudantes indígenas. Já os alunos de design contribuíram com a co-criação da identidade visual das autobiografias, também junto aos estudantes indígenas, vetorizando

os grafismos que os estudantes indígenas produziram e escolheram para ilustrar seus vídeos.

A produção das autobiografias, que teve início em março de 2018 e finalizou com a apresentação dos vídeos em junho do mesmo ano, se deu de forma que os estudantes indígenas pesquisavam sobre suas etnias e seus territórios, além de organizar os pontos considerados mais relevantes de suas vidas para, então, gravar as entrevistas que se transformariam posteriormente nos vídeos autobiográficos.

Apresentamos neste artigo o relato da experiência e uma análise do processo e do conteúdo final da produção, com base em uma metodologia de caráter qualitativo, podendo ser considerada no âmbito da pesquisa-ação, com observação participante.

A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real. (MINAYO, 2000, p.59-69)

. Os conceitos de identidade (HALL, 2006; CANCLINI, 2015; EAGLETON, 2005) e de autorrepresentação (CANEVACCI, 2015) surgem como dispositivos de compreensão dos discursos elaborados pelos estudantes sobre suas próprias trajetórias.

2. A vocação indígena para o audiovisual

Para a produção das autobiografias étnico-comunitárias, tomamos como referência o projeto Vídeo nas Aldeias (VNA), do indigenista Vincent Carelli, criado em 1986. A partir de 1997, as produções do VNA passaram a oferecer oficinas de produção audiovisual para que os indígenas retratassem a realidade em suas comunidades. Desta forma, o projeto foi pioneiro em colocar os indígenas como protagonistas na produção audiovisual, como forma de fortalecer suas identidades étnicas, reconhecer e manter costumes tradicionais e lutar pelos territórios. “O ato de filmá-los e deixá-los assistir o material filmado, foi gerando uma mobilização coletiva” (VÍDEO NAS ALDEIAS, 2019). Vincent Carelli, idealizador do projeto, mesmo não sendo indígena, implementou uma dinâmica em que os próprios indígenas fossem autores de suas narrativas. (ARAÚJO, 2015)

O projeto formou dezenas de cineastas, entre eles Isaac Pinhanta, da etnia Ashaninka. Ele considera que o vídeo ajuda as comunidades a se organizarem e a utilizar a comunicação a seu favor:

[...] a gente quer entender tudo isso, a gente quer entender esse processo, porque a gente só vai se defender quando entender esse processo e esses instrumentos. O computador, a escrita, a tv e o vídeo são instrumentos ideais para aprofundar o nosso conhecimento. (PINHANTA apud PEREIRA, 2010).

Há uma afinidade das culturas indígenas com o audiovisual devido à sua forte ligação com a oralidade e a corporalidade. De acordo com Pereira (2010), sem a intermediação da escrita, esses povos passam da linguagem oral diretamente para a audiovisual, o que incita a uma mudança da posição de mero receptores para produtores, tanto na forma quanto no conteúdo. Eles produzem desde documentários etnográficos a estilos variados de produção audiovisual, retratando-se não como ‘índios puros’ projetados pela sociedade, mas como ‘sujeitos reais’ narrando suas culturas (PEREIRA, 2010).

Em suas autobiografias audiovisuais, os indígenas conectam suas comunidades com sua presença na universidade, o que representa em si a construção de “uma ponte”, um novo habitar, segundo Di Felice (2017, p. 29) “A ponte não ocupa um lugar, mas o cria e o constitui”. Além disso, a presença nas redes digitais faz com que os povos indígenas expandam seu território e seu ecossistema conectando-se a outros povos e outros contextos culturais globais. Canevacci (2015) considera que este foi um movimento epistemológico no contexto da cultura digital marcado pela autorrepresentação. Os jovens indígenas, assim como qualquer jovem metropolitano ou cibernauta, têm afirmado seu direito e desejo de representar a si mesmos.

Nas últimas décadas multiplicaram-se os usos das tecnologias por parte de grupos indígenas para registrar suas lendas orais, medicinas tradicionais, mitos e cosmovisões, além de comunicarem-se com outros povos e estabelecerem solidariedade política. Seria como uma “segunda oralidade”. A conexão, proporcionada pela comunicação audiovisual, em especial na internet, permite o desenvolvimento da interculturalidade. Ao contrário de ver os povos indígenas como um entrave ao desenvolvimento econômico, combate-se a desigualdade e valoriza-se as diferenças culturais no trato dessa questão. Canclini propõe encarar a interculturalidade como um patrimônio, uma riqueza (2015, p. 60-69).

3. Autobiografias Étnico-Comunitárias: o processo de produção intercultural

Em março de 2018 a UEL dava início ao ano letivo, e a Cuia-UEL, junto ao Ciclo Intercultural de Iniciação Acadêmica, recebia os seis⁵ novos estudantes indígenas na universidade. Eram eles: Beatriz Gomes de Oliveira (Guarani e Kaingang), Débora Eulália Atanásio da Silva (Kaingang), Guel Rael Fidêncio (Kaingang), Ivone dos Santos Pirai (Guarani Mbya), Kauana Mariano dos Santos (Kaingang) e Tiago Pyn Tanh de Almeida (Kaingang).

Os encontros do eixo temático Terra e Identidade estavam programados para serem realizados todas as quintas-feiras, a partir das 19h15. O objetivo do eixo temático é abordar:

Identidade e diferença. História de vida como identidade socializada e marca de pertencimento. Bilinguismo, variação linguística e a narrativa oral expressando a subjetividade e se constituindo como discurso histórico. Terra como espaço de memória e de fronteira étnica. Terra como espaço físico. Discurso geográfico e cartográfico e os processos de ocupação dos territórios. (UEL, 2014).

Para o ano de 2018, os coordenadores do Ciclo decidiram dar uma “cara nova” à atividade a ser realizada e discutida em grupo dentro do eixo temático Terra e Identidade. Até então, a atividade fora realizada na forma de apresentação de seminário oral. Para 2018, a ideia foi produzir a mesma atividade só que no formato de vídeo, dando assim, a possibilidade de transformar o material produzido em uma ferramenta de visibilidade da presença indígena no ambiente universitário. Era a experiência-piloto a qual se deu o nome de *Autobiografias Étnico-Comunitárias*, em que as expectativas eram grandes, mas o receio da aceitação por parte dos estudantes também era levado em consideração. Desta forma, a atividade seria desenvolvida seguindo a proposta pedagógica do Ciclo Intercultural de Iniciação Acadêmica, baseada na ideia de educação emancipadora de Paulo Freire. O autor considera que:

[...] conhecer não é o ato através do qual um sujeito transformado em objeto, recebe dócil e passivamente os conteúdos que outro lhe dá ou lhe impõe. O conhecimento pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção [...] no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do

⁵ Em 2018 o Ciclo Intercultural contou com sete alunos regulares: os seis novos, citados no texto, além de Elvis Elan de Oliveira (Kaingang), que reprovou em 2017.

aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isso mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas. Pelo contrário, aquele que é “enchido” por outros de conteúdos cuja inteligência não percebe, de conteúdos que contradizem a própria forma de estar em seu mundo, sem que seja desafiado, não aprende. (FREIRE, 1985, p.16)

O eixo temático em questão teve a duração de dois meses e meio, totalizando nove encontros, sendo sete para a elaboração da pesquisa e do material audiovisual e dois para a apresentação do produto finalizado das *Autobiografias Étnico-Comunitárias*. Como o eixo temático tinha um prazo a ser cumprido, o tempo de produção foi curto e, por conta disso, a realização da atividade ficou organizada da seguinte forma: três encontros para a elaboração do roteiro autobiográfico, um encontro para gravação, um encontro com os colaboradores de design para a oficina de grafismo (para compor a identidade visual dos vídeos autobiográficos) e dois encontros para a edição do material (com a colaboração dos estudantes de jornalismo).

A princípio a atividade gerou um certo estranhamento por parte de alguns estudantes. Muitos não compreendiam o porquê de se fazer um vídeo que contasse sobre suas histórias de vida. Outros já viam na atividade a chance de se fazer presente na universidade e subverter a ideia de que universidade não é espaço para *índio*. Aos poucos, todos foram compreendendo o sentido da atividade. As conversas entre eles, as discussões geradas a cada encontro, o amadurecimento no que diz respeito ao pertencimento e ao se descobrir indígena, e até mesmo conhecer aspectos e valores culturais de suas etnias antes desconhecidos por eles.

O entusiasmo pela produção das autobiografias se deu em pouco tempo. No quarto encontro, para quando estava marcada a gravação dos vídeos no estúdio de telejornalismo do Centro de Educação, Comunicação e Arte (Ceca) da UEL, os estudantes surpreenderam a equipe do Ciclo: sem que lhes fosse pedido, a estudante Débora, junto com os colegas Guel e Tiago, começaram a tirar de suas bolsas alguns adornos (como colares, brincos, cocar), além do *kóvejo*, um pigmento preto utilizado para fazer pinturas sagradas pelo corpo. Com isso, os demais estudantes também começaram a se ornamentar com os objetos trazidos por Débora.

Nesse mesmo dia, a estudante Kauane, que não se sentia pertencente a uma etnia específica (uma vez que seu avô paterno era Kaingang e sua mãe Terena), recebeu o nome de batismo Kaingang, dado por Tiago (que é uma liderança indígena em sua comunidade). *Kokôj* foi o nome dado a ela, que em português quer dizer beija-flor. Tiago decidiu gravar

sua autobiografia em sua língua materna, uma vez que ele estava mais habituado a falar em Kaingang, do que em português, o que constituiu uma afirmação dos traços de sua identidade indígena, sinal de resistência da língua Kaingang, como também o fortalecimento da presença da etnia na universidade.

A oficina de grafismo, realizada em parceria com o departamento de design da UEL, foi de grande importância para os estudantes descobrirem mais aspectos de suas culturas e discutirem também sobre os significados que determinados desenhos tinham para suas etnias. Na ocasião da oficina, os grafismos feitos pelos estudantes e escolhidos para compor a identidade visual de suas autobiografias remetiam aos significados de união, força, proteção, resistência e luta. E nas palavras da estudante Ivone, tais desenhos simbolizavam a trajetória de todos os estudantes que estavam ali buscando uma melhoria para suas comunidades.

Por fim, os vídeos autobiográficos foram apresentados nos dias 11 e 12 de junho de 2018, quando os estudantes contaram sobre o processo de produção, que envolvia as pesquisas feitas a respeito de suas comunidades e com as lideranças, e o que a atividade significou, ainda que em pouco tempo, para a percepção de suas identidades dentro do ambiente universitário. Assim foram os dois dias de apresentação, que contou com a presença dos educadores e coordenadores do Ciclo e com os colaboradores da atividade.

Ao longo do ano, a experiência dos vídeos autobiográficos foi se concretizando no cotidiano daqueles estudantes. Os vídeos foram veiculados no canal da Cuiá-UEL no YouTube, na TV UEL e transformados em material sonoro para a veiculação na Rádio UEL FM, além do compartilhamento via redes sociais dos integrantes dos Ciclos, incluindo os estudantes. Em uma roda de conversa realizada no dia 5 de novembro de 2018, os estudantes relataram, de forma geral, que todas as questões abordadas durante a realização da atividade do eixo temático Terra e Identidade serviram para que eles amadurecessem seus posicionamentos, reivindicações e histórias como estudantes indígenas dentro da universidade, e que os vídeos serviriam como ferramenta para o fortalecimento de outros estudantes indígenas futuramente no que diz respeito à articulação do movimento indígena no ambiente acadêmico, por meio da visibilidade que tal material poderia proporcionar, tanto entre os próprios indígenas, quanto para com os não indígenas.

3.1 Autorrepresentação e sentidos de identidade

Na construção de sentido sobre suas próprias trajetórias biográficas, a subjetividade é atravessada por outros discursos e reflexões que vão acontecendo durante o processo de produção. Quando o sujeito seleciona o que será dito, na escolha das palavras, imagens e trilhas sonoras, ao colocar adereços ou não, vai se delineando a imagem que será projetada, ao mesmo tempo em que se fortalece a identidade indígena.

Foi possível perceber dois tipos de movimento nesse processo: por um lado os estudantes com forte pertencimento à sua etnia e comunidade, por outro, aqueles que ainda não se identificavam fortemente com sua ascendência indígena.

Os casos de Beatriz e Kauana se assemelham pela descoberta e pela criação de vínculos com a identidade indígena no decorrer do processo de produção das autobiografias realizada pelo Ciclo. Beatriz e Kauana tiveram, por anos, um distanciamento do convívio e da cultura indígena. Ambas têm pais e avós indígenas, mas sempre moraram fora de suas comunidades. Beatriz é natural de Jacutinga (MG) e passou a morar com a tia na Terra Indígena de São Jerônimo, no município de São Jerônimo da Serra (PR), somente em 2017. A partir da atividade, a estudante passou a compreender os sentidos que tal vivência estava proporcionando a ela, além de conscientizá-la a respeito do seu papel como estudante indígena Guarani dentro da universidade.

Já Kauana, natural de São Jerônimo da Serra (PR), foi morar fora da terra indígena, pois sua mãe se casou com um não indígena, e por conta disso, foi expulsa da comunidade, uma vez que, para muitas etnias, o casamento entre indígenas e não indígenas não é aceito. Assim como para Beatriz, a atividade das autobiografias foi importante para que Kauana pudesse se reconhecer e se identificar com a cosmologia indígena, que ela faz questão de ressaltar no início de sua autobiografia, identificando-se como Kaingang.

Os demais vídeos abordam a trajetória dos estudantes, além de vincular as memórias da comunidade com suas vivências e as relações estabelecidas dentro e fora das terras indígenas. No caso das autobiografias de Guel Rael Fidêncio (Kaingang) e de Ivone dos Santos Piraí (Guarani Mbya), suas narrativas apontam para a dificuldade por conta do preconceito, que acarretou o abandono dos estudos. Porém, para ambos, as relações estabelecidas dentro de suas comunidades os fizeram superar tais preconceitos e dificuldades para que encontrassem nos estudos uma alternativa de resistência. Guel e

Ivone contam em suas autobiografias que a presença deles na universidade se mostra como inspiração para que outros indígenas ocupem e ressignifiquem o espaço acadêmico.

Débora Eulália Atanásio da Silva conta em sua autobiografia como a educação escolar indígena foi fundamental para articular sua trajetória com os costumes tradicionais Kaingang. Na ocasião da gravação, ela tinha 18 anos, mãe de filhos gêmeos, e contou que educa os filhos de acordo com a cosmologia Kaingang e que a atividade de produção das autobiografias fez com que ela pudesse reconhecer o valor de ser indígena na universidade.

Tiago Pyn Tanh de Almeida, indígena Kaingang, foi o único a gravar sua narrativa na língua nativa. Sua autobiografia também denuncia o preconceito e a discriminação sofrida por ele quando mais jovem, na escola. Assim como Débora, Tiago conta que o colégio indígena foi fundamental para que sua vivência com a cultura Kaingang fosse estreitada. Foi lá que ele, junto com outros amigos, criou o grupo de dança Nen-Gá, que contribui para o fortalecimento e para a revitalização de festividades e rituais que estavam se perdendo dentro da comunidade, como a Festa do Pari, na qual os indígenas passam uma semana à beira do rio para um ritual de pesca. Por ter criado o grupo de dança, Tiago passou a ser considerado uma liderança na comunidade onde mora, e o espírito de liderança se faz presente em sua narrativa, pela forma como expressa a importância de estar na universidade e o que isso pode contribuir para sua comunidade. O estudante denota em sua fala o desejo de estudar para que assim possa compreender mais a linguagem dos não indígenas, mais especificamente a linguagem dos políticos, para que assim ele possa dialogar e reivindicar os direitos dos povos indígenas.

Dessa forma, a produção intercultural das autobiografias compôs uma riqueza não somente para os estudantes indígenas, mas também para os estudantes não indígenas que colaboraram na produção das narrativas indígenas junto aos estudantes do Ciclo. De forma dialógica pôde-se compartilhar e experienciar o patrimônio linguístico, cultural e social dos povos indígenas, a fim de transformar esses aspectos em articuladores para a participação efetiva do movimento indígena na universidade.

Entre os estudantes indígenas, as trocas interculturais podem ser notadas na relação entre estudantes com maior vínculo cultural, como o caso do estudante Tiago Pyn Tanh de Almeida, e estudantes que construíram e reconheceram suas identidades no decorrer da atividade das autobiografias (e, conseqüentemente, no decorrer do ano letivo do Ciclo), como o caso da estudante Kauana Mariano dos Santos. Tiago foi fundamental

para que Kauana pudesse compreender a cosmologia Kaingang, no que diz respeito a compartilhar suas experiências na comunidade, os significados dos grafismos e, até mesmo, ao dar um nome Kaingang para Kauana.

O processo de produção intercultural das autobiografias serviu como ponte não somente entre o território indígena e a universidade, entre indígenas e não indígenas, mas, também, entre os próprios estudantes indígenas de diferentes etnias e diferentes níveis de conexão cultural com suas comunidades.

Além disso, nota-se que a comunicação também pode ser utilizada como uma ferramenta para atualizar a imagem do que é ser indígena no século XXI e para a defesa de seus direitos constitucionais. Como explica Hall, ao tratar sobre o jogo das identidades culturais na pós-modernidade:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (HALL, 2006, p. 21).

Isso nos leva a pensar sobre o que diz Eagleton (2005, p. 99), para quem as formas mais inspiradoras de políticas de identidade “[...] são aquelas em que você reivindica uma igualdade com os outros no que diz respeito a ser livre para determinar o que é que você deseja se tornar”.

4. Considerações finais

Como parte da equipe que colaborou com a produção das autobiografias étnico-comunitárias, os autores deste artigo se colocam como facilitadores neste processo. E a partir dessa observação participante e das rodas de conversa realizadas com os estudantes indígenas ao longo da produção, buscou-se neste artigo refletir sobre como a construção de uma narrativa audiovisual pode fortalecer os sentidos de identidade e funcionar como articuladora de relações interculturais. Sob a luz das ideias de Paulo Freire, as oficinas colaborativas e rodas de conversa para a roteirização de cada vídeo mostraram que as identidades são reveladas, às vezes descobertas, lapidadas e construídas a partir do atravessamento de inúmeros discursos presentes na trajetória dos estudantes. Alguns desses discursos marcados por estereótipos e preconceitos.

Diante de identidades híbridas e complexas, a produção audiovisual favorece o processo de reconhecimento, identificação e preservação de elementos culturais, mas acima de tudo permite maior compreensão e visibilidade à presença indígena na universidade. As autobiografias conectaram espaços, saberes e trajetórias ao serem disponibilizadas nas redes.

O fato de ter colocado em contato indígenas de diferentes etnias e estudantes não indígenas, de jornalismo e design, também foi importante no que se refere à interculturalidade, isto é, no sentido de aprender a conviver com as diferenças e a se reconhecer neste processo. Ao construir uma narrativa sobre si, sua etnia e comunidade, utilizando a comunicação audiovisual, os estudantes indígenas se apropriaram e interagiram com esta tecnologia cognitiva, desenvolvendo sua autoconsciência sobre os modos como se veem e são vistos. E assim têm participação mais ativa na construção do imaginário sobre o que é ser indígena.

Referências

AMARAL, Wagner Roberto; SILVEIRA, Déa Maria Ferreira. A Comissão Universidade para os Índios: desafios na política de educação superior indígena. In: AMARAL, Wagner Roberto; FRAGA, Letícia; RODRIGUES, Isabel Cristina (org.). **Universidade para indígenas: a experiência do Paraná**. Rio de Janeiro: FLACSO/LPP-UERJ, 2016. (Coleção Estudos Afirmativos, v.8). p. 39-77

ARAÚJO, Juliano José de. **Cineastas indígenas, documentário e autoetnografia: um estudo do projeto Vídeo nas Aldeias**. 2015. 270f. Tese (Doutorado em Multimeios) – Instituto de Artes da Unicamp. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

CANEVACCI, Massimo. **Autorrepresentação: Movimentar epistemologias no contexto da cultura digital e da metrópole comunicacional**. Revista Novos Olhares - Vol.4 N.1. (16-20). São Paulo, 2015.

DI FELICE, Massimo. Atopia, redes digitais e a crise das formas do habitar do Ocidente. In: DI FELICE, M.; PEREIRA, E. S. (org.). **Redes e ecologias comunicativas indígenas: as contribuições dos povos originários à Teoria da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2017.

_____; PEREIRA, Eliete S. Formas comunicativas do habitar indígena: a digitalização da floresta e o net-ativismo nativo no Brasil. In: DI FELICE, M.; PEREIRA, E. S. (org.). **Redes e ecologias comunicativas: as contribuições dos povos originários à Teoria da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2017.

EAGLETON, Terry. **A idéia de Cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1985.

GUERRA, Maria José; AMARAL, Wagner Roberto; OTA, Maria Inês Nobre. A experiência do Ciclo Intercultural de Iniciação Acadêmica dos estudantes indígenas na UEL. In: AMARAL, Wagner Roberto; FRAGA, Letícia; RODRIGUES, Isabel Cristina (org.). **Universidade para indígenas: a experiência do Paraná.** Rio de Janeiro: FLACSO/LPP-UERJ, 2016. (Coleção Estudos Afirmativos, v.8). p. 137-155.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento.** São Paulo: Hucitec, 2000.

PEREIRA, Eliete. S. Ecologia da Comunicação das formas estéticas reticulares: notas sobre a arte Kaxinauí. In: DI FELICE, M.; PEREIRA, E. S. (org.). **Redes e ecologias comunicativas indígenas: as contribuições dos povos originários à Teoria da Comunicação.** São Paulo: Paulus, 2017.

PEREIRA, Eliete S. Mídias nativas: a comunicação audiovisual indígena – o caso do Projeto Vídeo nas Aldeias. **C-legenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense**, Niterói, RJ, nº 23, p. 61-72, nov. 2010. Disponível em: <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/133/49>. Acesso em: 16 mar. 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – UEL. Pró-Reitoria de Graduação. **Deliberação da Câmara de Graduação nº 33, de 18 de novembro de 2014.** Estabelece adequações curriculares ao Ciclo Intercultural de Iniciação Acadêmica para os estudantes indígenas da Universidade Estadual de Londrina, a serem implantadas a partir do ano letivo de 2015. Londrina: Pró-Reitoria de Graduação, 2014. Disponível em: http://www.uel.br/prograd/docs_prograd/deliberacoes/deliberacao_33_14.pdf. Acesso em: 5 jun. 2019.

VÍDEO NAS ALDEIAS. **Apresentação.** Disponível em: <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/vna.php>. Acesso em: 16 mar. 2019.